

5/8/98 A-11

Doenças infecciosas alastram-se no Amazonas

Diagnóstico da Fiocruz sobre saúde e problemas sociais da região mostra que malária, hanseníase e tuberculose saem das regiões endêmicas e chegam às principais cidades do Estado

MURILO FIUZA DE MELO

RIO - Muita coisa mudou no Amazonas desde que o sanitário Carlos Chagas catalogou, entre 1912 e 1913, as várias doenças que vitimavam as populações da região. Mudou para pior. A miséria, o crescimento urbano desordenado, agravados pelo isolamento geográfico, estão transformando o Estado em um campo fértil para proliferação de novas e antigas doenças.

**MANAUS
VIROU
CALDEIRÃO DE
ENFERMIDADES**

ria, a hanseníase e a tuberculose citadas nos diários de Chagas não estão mais localizadas apenas em regiões endêmicas, geralmente afastadas, mas nas principais cidades do Estado, especialmente em Manaus.

O trabalho divide-se em duas partes. A primeira faz uma descrição e uma análise das características geográficas e ambientais, clima, fluxo populacional e desigualdades sociais do Estado e da capital. Na segunda, os pesquisadores expõem a situação da

Um diagnóstico inédito sobre o ambiente, a saúde e os problemas sociais da região, organizado por 31 pesquisadores de 11 instituições do País, foi lançado ontem pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O livro *Espaço e Doença - Um olhar sobre o Amazonas* mostra que a malá-

saúde das 737 tribos indígenas e da população em geral. As principais doenças da região - malária, leishmaniose, cólera, hanseníase, tuberculose, hepatites, arboviroses e aids - receberam um capítulo cada.

"Depois da expedição de Carlos Chagas, acho que esse estudo repre-

ÓBITOS NA REGIÃO
(Registros de mortes por doenças infecciosas e parasitárias)

Ano pesquisado 1995

	Sexo		Total	%
	Homens	Mulheres		
Tuberculose	69	33	102	16,5
Aids	46	12	58	9,4
Hepatites virais	38	16	54	8,7
Meningites	18	17	35	5,6
Malária	18	11	29	4,7
Tétano Acidental	10	1	11	1,8
Cólera	6	2	8	1,3
Sífilis congênita	4	1	5	0,6
Tétano neonatal	2	2	4	0,6
Leishmaniose	1	-	1	0,1
Outras	175	133	308	50
Total	386	229	615	

Fonte: Superintendência Estadual de Saúde do Amazonas/IBGE

senta a maior contribuição para o Amazonas do ponto de vista sanitário", diz Luciano Toledo, que, com a pesquisadora cubana Luisa Iñiguez Rojas, da Universidade de Havana, coordenou o livro. Para ele, o grande mérito do trabalho é reunir

dados sobre o maior Estado do País, com 1,5 milhão de quilômetros quadrados - 18,28% do território nacional -, que estavam dispersos.

Segundo Toledo, a regionalização das doenças ainda continua forte, mas não é mais tão preponderan-

te. "Manaus virou um caldeirão de enfermidades." A principal causa é a explosão demográfica, que não teve o acompanhamento de projetos de infra-estrutura adequada. "Com o deslocamento de uma grande massa de pessoas do interior para a capital, atraída pelos empregos criados na Zona Franca, vieram também as doenças, que se concentravam em áreas endêmicas", afirma.

Estimativas do IBGE mostram que, em 1960, Manaus tinha 173.703 habitantes - um quarto da população do Amazonas. Hoje, são 1.119.270, 55% do total do Estado. Apesar da decadência da Zona Franca, a partir de 1980, a cidade manteve um ritmo de crescimento alto. Ainda

ram o crescimento da capital. Só 1,9% das instalações sanitárias dos 270 mil domicílios estão ligadas à rede pública. No resto do Estado, a situação é pior: só 1,06% da população é beneficiada.

"A ocupação desordenada da periferia, por meio do desmatamento, rompeu com o equilíbrio ecológico e provocou uma explosão de doenças", afirma Toledo. Nos anos 60, em cada mil habitantes do município, cinco já haviam tido malária.

Em 1993, a proporção era de 13 por 1.000. A falta de uma estrutura sanitária também fez disseminar a cólera. Entre 1991 e 1995, o número de casos pulou de 70 para 138. Nesse mesmo período, foram registrados

**EXPLOÇÃO
DEMOGRÁFICA
AMPLIA
PROBLEMA**

nos anos 80, a taxa era de 4,6%. Segundo o IBGE, entre 1991 e 1996, a taxa caiu para 2,78%, mas, mesmo assim, Manaus é a sexta cidade com maior crescimento populacional do País, cuja a média é de 1,38%.

O estudo constatou que as melhorias sanitárias não acompanha-

7.330 casos de tuberculose, que correspondem a mais de 70% do total do Estado. Ao lado de antigas doenças, Manaus convive com novas epidemias. Segundo o Programa Estadual de DST/Aids, entre 1986 e 1996, foram notificados 40 casos - 12% do total registrado no Estado.

Condições sociais definem distribuição de males

Principais enfermidades estão relacionadas a fatores como a grande presença de garimpeiros

RIO - As doenças no Amazonas são marcadamente definidas pela situação socioeconômica de suas regiões. O impacto da presença de 400 mil garimpeiros é uma das razões da fácil transmissão de doenças. O livro organizado pela Fiocruz cita as "corrutelas", vilarejos formados em torno dessas áreas e onde predomina a prostituição.

A aids já é a segunda causa de óbitos na região. Dados da Superintendência Estadual de Saúde do Amazonas mostram que, das 615 mortes

registradas em 1995, 58 (9,4%) foram consequência de complicações decorrentes da doença. A tuberculose, no entanto, matou mais naquele ano: 102 óbitos (16,5%). Apesar de apresentar o maior número de casos registrados pelas autoridades sanitárias entre 1991 e 1994 - 52 mil notificações, em média -, a malária está em quarto lugar nas estatísticas de mortalidade do Estado, com 29 óbitos em 1995 (4,7%), perdendo ainda para meningite (5,6%) e hepatite (8,7%).

A falta de ações públicas de saúde também leva ao aumento de en-

fermidades. O número de leitos por habitante é em geral deficiente: somente 8 das 62 cidades do Estado se encontram acima da média nacional, de 2,75 leitos por mil habitantes. A presença de médicos também é pífia: apenas três municípios - Apuí, Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo - têm média acima de três médicos para cada mil habitantes.

**AIDS JÁ É
SEGUNDA
CAUSA DE ÓBITO
NA REGIÃO**

Outro grave problema de saúde do Estado é a cobertura por vacinação. Segundo o Programa Nacional de Imunização, do Ministério da Saúde, a BCG tem a melhor co-

bertura, com 43,5% dos municípios apresentando percentuais maiores que 90% da população. A situação da imunização contra difteria, tétano e coqueluche (DTP) é mais crítica. Apenas três municípios apresentam cobertura vacinal acima de 90% - Parintins, Presidente Figueiredo e Itacoatiara.

Segundo o livro, o Amazonas é o segundo Estado com maior incidência de tuberculose, depois do Rio de Janeiro. Em 1995, foram registrados no País 90 mil casos - 2.021, no Amazonas. A região onde a doença incide com maior frequência é o noroeste amazonense - com solo e água ácidos, ruins para a pesca e a caça -, onde existem as maiores taxas de desnutrição do Estado. (M.F.M.)

Malária continua fora de controle

RIO - As causas de mortalidade entre os índios do Amazonas não mudaram desde o tempo de Carlos Chagas. As principais são as doenças infecciosas e parasitárias e, entre elas, a malária continua fora de controle. Em 1995, foram registrados 4.085 casos. As tribos mais afetadas são as que residem próximo da BR-374 (Manaus-Boa Vista), principalmente os ianomâmis; das áreas exploradas por madeireiras asiáticas, no Vale do Javari, sudoeste do Estado, como os juruás, jutais e purus; e das regiões de garimpo.

Segundo o coordenador do trabalho, Luciano Toledo, do ponto de vista sanitário existe muita diferença entre as etnias que habitam o Estado. "Por exemplo, os vaimiris-atroaris são os mais preservados em termos de saúde do Amazonas."

Já os índios do Alto do Rio Negro, no noroeste amazônico, são os que registram os maiores índices de mortalidade por doenças do Estado, principalmente malária e tuberculose. Considerada a melhor zona aurífera do Amazonas, a área é disputada por garimpeiros, que levam doenças aos índios.

O município de Santa Isabel é um exemplo da alta incidência de malária entre os índios. Em 1995, foram notificados 840 casos entre os indígenas, contra 56 na população em geral. A tuberculose tem surgido com maior impacto nos grupos de contato mais recente, como os ianomâmis, mas ainda não foram catalogados números dessa doença entre as populações autóctones. No Pará, já foram identificados nove índios infectados com o HIV. (M.F.M.)